

BREVE NOTA SOBRE OS POEMAS EM PROSA

FRANCISCO SOARES*

1. A passagem da estrutura versicular à escrita em prosa nas artes literárias recebeu em Portugal dois grandes impulsos: o primeiro foi dado pelo aparecimento de contos, novelas e lendas impressos. As primeiras impressões desses livros datam em Portugal dos fins do século XV e, principalmente, inícios do seguinte, mas as narrações aí divulgadas vêm de muito antes, tendo os seus antepassados nas colecções de milagres e lendas medievais que circulavam na Península, como em toda a Europa. Um bom exemplo destes primeiros impressos é o **Boosco Deleytoso**, publicado por Hermão de Campos no começo do século XVI⁽¹⁾.

No final do mesmo século, um livro como **Contos e Histórias de Proveito e Exemplo**⁽²⁾ marca a transição para a novelística barroca, que tanto desenvolveu a literatura em prosa. O segundo grande impulso surge porém com o Romantismo (que trouxe para a prosa vários "géneros novos", como a autobiografia) e prolonga-se até aos nossos dias com o reaparecimento do versilibrismo e esse espécime aparentemente híbrido a que a crítica chama com vulgaridade "poemas em prosa" - e de que iremos falar em seguida.

2. Um primeiro cuidado a ter é com o nome que damos ao nosso objecto de estudo. Paralelamente ao desen-

volvimento da prosa, trouxe-nos o Romantismo a proliferação da Lírica, tendo os poemas trágicos, épicos e cómicos sido gradualmente substituídos pelo romance e formas literárias afins, prosaicas. As duas linhas paralelas do desenvolvimento da Lírica e da Prosa vêm a encontrar-se no aparecimento de "poemas em prosa". A proliferação do lirismo e a progressão da prosa levaram a que se confundisse poesia com poesia lírica em verso, servindo por vezes uma só dessas palavras para designar toda a expressão. Na sequência desta evolução, quando se dá o aparecimento de prosas líricas surge o termo "poemas em prosa". De facto, trata-se mesmo e só disso, **prosas líricas**, textos líricos onde a estrutura versicular cedeu perante a estrutura frásica na disposição gráfica dos textos. O termo prosa lírica parece-nos, pois, mais adequado ao nosso objecto de estudo e por essa razão o perfilhamos.

3. A passagem de uma estrutura versicular a uma estrutura frásica provoca a ausência ou modificação funcional de alguns recursos que pareciam típicos do verso, bem como alterações na sua frequência. Assim, nos poemas em prosa que passaremos a denominar prosas líricas, vemos desaparecer ou transfigurar-se o "transporte" ("enjambement"). O desaparecimento do verso, no que diz respeito a este processo, não é total,

* Docente da Universidade de Évora

uma vez que os diversos grupos ou momentos em prosa são geralmente marcados por um espaço gráfico maior do que aquele que separa habitualmente dois parágrafos⁽³⁾. Assim, mantém-se a presença da estrofe e, com ela, a possibilidade de manter o efeito de suspensão que o transporte provocava ou concitava - efeito agora mais raro mas também mais marcante.

Além disto, o desaparecimento do verso vem a provocar a total ausência de "rimas externas". Permanecem apenas rimas "internas", geralmente nucleares (toantes), e subordinadas a uma nova métrica, ou melhor, a um novo ritmo: o da frase curta... e meiga!

A lírica em prosa, por outro lado, tende a apresentar textos de curta duração, tal como sucede em grande parte dos textos líricos em verso contemporâneos. A sintaxe tende para a coordenação, quando não se suicida parataticamente, só de quando em quando surgindo uma estrutura mais longa, menos ritmada e, geralmente, subordinada. Igualmente se mantém o tom íntimo, cordial e melancólico de muitos poemas de amor e lamento. No entanto, a distinção mais profunda entre prosas líricas e a restante poesia em prosa vai suscitar-nos outras reflexões.

4. Para nós, e resumidamente, a Poesia define-se por contar ou sugerir uma história e a posição que a narração ocupa perante a história e na história permite-nos, decerto, distinguir os géneros literários.

Naquilo a que habitualmente chamaríamos uma narrativa a história é contada de dois modos: através da descrição das acções das personagens e dos objectos, e através da fala dessas personagens. Por vezes, porém, a narração pára para o autor caracterizar uma situação, reflectir sobre uma situação ou atitude ou acção, emitir uma sentença ou exprimir em termos universais uma emoção: é o momento lírico da "récita". O antepassado destes breves momentos da prosa actual, podemos encontrá-lo

nas intervenções do coro no teatro grego. Uma das funções do coro é, a nosso ver, a de colocar na voz de um público interior à cena a emoção que o texto sugere ao público exterior à cena. Para além das emoções, o texto apresenta através do coro as reflexões e os sentimentos mais fundos do senso comum. No retrato ou propagação dessas emoções ou reflexões está sempre, subtilmente, incrustada a memória da história toda, recordação do futuro e do passado da narração. Por isso, a cena possível do desenlace está quase sempre antevista nos pressentimentos e preocupações do coro, que vai fazendo, constantemente, o ponto da situação.

Um poema ou uma prosa líricas são como que uma narrativa de teatro grego à qual retirássemos tudo menos algumas descrições e as intervenções do coro (dando predominio às "unidades narrativas não-dinâmicas"). A história é-nos sugerida só por isso, com o que ganha em subtileza, em efeito de mistério e de segredo, como sugerência de realidade. Deste modo, a poesia lírica aproxima-se da pintura e da música: da música porque se obscurece a sua potencialidade representativa (embora não tanto quanto na música, já que a palavra nunca deixa de possuir um poder de representação mais vasto que o do som); da pintura, porque fornece a história fixando-se preferencialmente num ou dois momentos.

Se o que nos dá a Lírica nos é dado pelo autor e relacionado consigo próprio, temos uma lírica regressiva, na medida em que aquilo que se exterioriza se destina a falar de si próprio e não do mundo; se, pelo contrário, a emoção é a do sujeito poético ao imaginar a cena, ao construí-la e descrevê-la, temos uma lírica objectual ou progressiva.

É isto que essencialmente nos permite a este nível distinguir as líricas, as literaturas e as poesias; e o que essencialmente diferencia a poesia lírica é o facto de ela ser apenas a memória subjectiva e não dinâmica da história que nos sugere.

5. Actualmente o versilibrismo, cujo aparecimento é contemporâneo em Portugal do aparecimento da prosa lírica, veio corroborar uma forte tendência prosaica e confundir um pouco mais os olhos rasos da superfície editorial da literatura. No entanto, o que há de novo nas prosas líricas mais recentes é a mistura de versilibrismo e prosa lírica numa mesma composição. Embora possa haver referências anteriores, por nós desconhecidas, cremos que um livro como **Onde a Terra Acaba Amar Começa**, de Francisco Palma Dias⁽⁴⁾ exemplifica bem essa conjugação de verso livre e lírica em prosa. No entanto, a presença de "transportes" e, por vezes, o estudo dos ritmos e das rimas, ajudam-nos a encontrar facilmente os espaços da prosa e os do verso (que nem sempre coincidem com os "correspondentes" espaços gráficos).

Porém, atendo-nos à nossa distinção entre lírica e a restante literatura, estamos certos de se manter clara para nós a separação das águas entre narrativa em prosa e lírica em prosa. Só num livro como **Poemas em Prosa**, de Alfredo Pimenta (1924, Portugália), a hesitação permanece entre lírica e narrativa, talvez por um fraco domínio do "género", então com muito poucos passos dados em Portugal. Com efeito, se no "primeiro

poema temos, como em **Adoração**, de Leonardo Coimbra, um alongamento do sopro versicular, identificando-se a expressão completa de um pensamento ou de uma emoção com uma "estrofe prosaica", já no chamado "segundo poema" deparamos com uma narrativa cujo modelo é o do pequeno conto, da narração milagrosa. Tirando alguns raros exemplos como este, a prosa lírica em nada perturba qualquer definição rigorosa e profunda do género lírico.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

(1) Cf. **Seixo, M^a Alzira**, *Poéticas do Século XX*, 1984, Lx., Horizonte/Horizonte Universitário/42

(2) **Trancoso, Gonçalo Fernandes**, Lx., 1575, 2^a ed.:1982, Lx., BNL (fac-símile c/ introdução de João Palma Ferreira)

(3) Cf., p.ex., *Desejo ou asa livre*, de Isabel de Sá, (1982, Coimbra, Fenda/Lágrimas de Eros-2), onde, para além disso, o espaço que marca o início de linha do parágrafo desaparece, tal como nas estrofes.

(4) [1985], Lx., Guimarães Ed.

Colabora com

LER
educação

OUÇA DIARIAMENTE DAS 6 às 2 da MANHÃ

FM - 104.5 Mhz



Rua da Misericórdia, 4 - Telef. 26477
7 800 BEJA